

## **A narrativa de Noll e as reconfigurações dos processos de constituição de subjetividades**

Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros de Carvalho<sup>1</sup> (UNICOR)

### **Resumo:**

*Examina-se, nos contos e na obra romanesca de João Gilberto Noll, a metamorfose da referência ao contexto social datado, bem como transformações nos processos de constituição de subjetividades. Demonstra-se como uma forma de escrita narrativa engendra um tipo de estranhamento e resistência aos modelos identificatórios.*

**Palavras-chave:** narrativa, referência, identidade, subjetividade, historicidade

### **Introdução**

Estudaremos alguns contos do livro *A máquina de ser*, de João Gilberto Noll. Podemos verificar o intrigante título do livro: uma máquina normalmente é produto humano para aperfeiçoar o humano. Um utensílio que expande a cultura do humano e que foi feito em princípio para funcionar por algum tempo. Mas, se colocada ao lado da palavra ser, já de saída pode não funcionar nada, ou nunca.

No título do livro anuncia-se a junção de dois regimes díspares, ser e máquina, a técnica e o humano: vizinhança não recíproca, diferente do que estrutura a relação entre uma ponte e a margem do rio, por exemplo. O livro de contos *A máquina de ser* aparece como proposta de juntar aspectos díspares, como efeito de dissonância que mostra o caráter maquínico dos comportamentos e, ao mesmo tempo, mostra a disfunção ocasionada pela operação de junção dessas duas ordens, ser e máquina.

De saída o conto que abre o livro, *No dorso das horas*, já oferece ao leitor esta perspectiva: o personagem narrador encontra-se num *set* de filmagem e é colocado abruptamente em cena sem *script* prévio; aceita mesmo assim esse contrato e desenvolve-se nesse cenário que desconhece por inteiro, agindo diante da pura contingência diante de câmera, luz, filmagem e voz autoritária de diretor. Como um ser diante da pura contingência. Eis o exercício que o conto encena para que o leitor o acompanhe.

Existe o aparato técnico, existem a ordem, a presença dos operadores, o cenário, e o ser lançado ali. O que assistimos é um périplo em que o *script* não é incorporado, nem lido nem repetido. Mas há o cálculo da parte dos organizadores: a crença no convívio com a contingência. O que ultrapassa o cálculo da direção é a animalidade não prevista que altera os dispositivos. No improviso das deambulações pelos vários quartos, o personagem narrador entra em contato com um corpo e taticamente sente-se atraído por ele, até constatar, por fim, que se trata de sua própria filha. O inusitado incesto é o maquínico que irrompe da contingência. Talvez seja esse conto o modelo da proposta narrativa do livro como um todo.

Da mesma forma, o último conto do livro coloca o leitor junto ao ponto de vista de um relato em primeira pessoa do discípulo João seguindo o chamamento de Cristo. Tudo leva a crer que a narrativa vai se transpor para o tempo mítico e construir o clima de uma experiência profunda de amizade entre o discípulo e o mestre. Mas ao final, há o desnudamento ficcional, o personagem revela-se ator de uma encenação dos últimos momentos da paixão, da subida ao monte das oliveiras. A narrativa a partir de um certo momento não segue colada ao relato bíblico, comenta os

passos dos dois, discípulo e mestre fora do espetáculo, o mestre bêbado que precisava ser conduzido de volta à casa.

Da mesma forma, no conto que dá título ao livro encena-se, de modo concentrado, muitos aspectos da pesquisa de Noll: a abstratização do desenho de uma trajetória de personagem com sua carga de subjetividade. Não há mais referências espaciais e temporais reconhecíveis, como nos contos do primeiro livro de 1980, *O cego e a dançarina*. A pesquisa narrativa concentra-se, depurada de circunstâncias, de nomes, de lugares identificáveis, de temporalidade convencional. No entanto, a densidade aumenta, o sujeito aparece em toda a sua dimensão e textura. Poderíamos mesmo afirmar que Noll se concentra e mostra que a sua pesquisa é a da densidade do sujeito no mundo contemporâneo. A questão não é mais a do estrangeiro, que vive situações inusitadas em lugares inóspitos ou despaisagizados, como no romance *Lorde*. Não se trata de adaptação do aparelho psíquico a traumas ou angústias. A pesquisa narrativa concentra-se na constatação ou conscientização subjetiva do grau de engrenagem maquínica em que se converteu a comunidade humana e cada parte dessa comunidade. O personagem não é mais um *outsider* como em muitos romances e contos de Noll, de *Hotel Atlântico* a *O quieto animal da esquina*.

Ao contrário, o personagem do conto *A Máquina de Ser* está no centro de um sofisticado mundo cultural, é um diplomata acostumado com a retórica da polidez e com o controle das situações. Na concentração da forma conto, o personagem é proposto não como um poeta produtor de versos no interior da forma romanesca de *O quieto animal da esquina*, mas como um ouvinte, um receptor de poema ditado pelo amigo ao telefone, um poema que penetra pelo som para se tornar escrito e se mostrar pelo próprio caráter escrito indicado pelas barras divisoras do verso. Essa situação encenada no conto é a primeira mudança diante do movimento maquínico de entrar num restaurante e pedir qualquer coisa. Mas a observação do outro surpreende por mostrar o grupo presente no restaurante mais maquínico que o observador: trata-se de um conto que encena graus de automatização entre observador e observado, mediado pelo simulacro das imagens.

Caminhava a esmo, procurando desatento por algum restaurante.. Entrei num deles. Mesas coladas umas às outras, como se esperassem assim dar início a um conagração de pessoas de uma mesma instituição[...]Aos poucos iam chegando os comensais do almoço comemorativo. Mulheres loiras, um certo ar sofrido. Homens em trajes escuros, semblantes discretos[...] Atrás das fisionomias dormitava um ultimato à beira de se revelar[...]O que mais seriam? Seres sem crianças, sim que os pudesse amolecer. Não havia ali nenhuma brecha por onde entrar a graça de um menino, atraindo até pessoas de outras mesas com as suas traquinagens por entre as pernas dos convivas. (NOLL,2006,p.120)

Aí chega o poema dito por um amigo:

Quando ouvi meu amigo citar pelo telefone, aquele dizendo que o bloqueio no escuro /entre os lençóis/ calcina a alva saia da manhã. (NOLL,2006,p.120).

O personagem pensa consigo mesmo onde tinha falhado para não compreender mais um poema como aquele. Neste instante ocorre a percepção da crise, de uma falha no circuito da subjetividade. Ele se levanta e tem dificuldade em se locomover por entre seres que se abraçam maquinalmente, segundo o seu próprio sistema classificatório.

Da minha mesa até a porta para a rua, precisei parar aqui e ali, porque certos convivas do almoço comemorativo levantavam-se para se abraçarem num rito nada efusivo -, como se a coreografia parcimoniosa contasse pontos na simbologia grupal. (NOLL,2006, p.121).

O personagem narrador sai do restaurante, segue olhando as vitrines e os mapas turísticos, mas o mapa da existência esse não lhe é dado. Há um contraste entre os folhetos que lê e a cegueira emocional advinda do fascínio exercido pela atração visual das vitrines que o incluem no roteiro

de cartão postal. No momento em que se depara com imagens estereotipadas do seu próprio país apresentando um homem louro num trator sorrindo, diante dessa interação da imagem na vitrine com o contemplador, surge a resposta ao aceno, o personagem sorri mecanicamente à imagem, mediada pelo vidro da vitrine.

O sorriso do homem no trator me atingia de algum modo. Respondi um pouco, via a insinuação dos meus dentes no vidro da vitrine. (NOLL, 2006. p.122).

Neste momento sobrevém a consciência da pane, a consciência de que foi tragado pelo mundo do simulacro, do construído e não do habitado. Habitar-se a si mesmo, eis a questão. O rosto diante da vitrine não passa de um réplica a mais do composto construído de dentro da vitrine. O rosto congelado não é mais rosto, imagem da face em movimento, é o corpo na engrenagem.

Mas, antes que lhe sobrevenha a paralisia, o personagem se vale da máquina de ser, já agora transformada e pronta a servir como performance que o torna idêntico aos demais, que vinha até agora observando nos seus rituais convencionais. O ser é uma abertura para a diferença, para a qual a máquina não funciona. Como prótese negativa, como lógica do “pelo menos”, o narrador retorna à Embaixada como reduto onde se cenariza o movimento repetitivo das coisas em ordem, sem a aventura de ter corrido o risco da falha. Sem a aventura do ser lançado aí, na calçada, no movimento das ruas, sujeito aos embates do simulacro. A clareira de possibilidades é esse espaço de cruzamentos que desativa o comportamento repetitivo. O não esperável está no fluxo, no inantecipável do que está por vir. Para este personagem era muito fácil entrar num restaurante e propor a aventura de escolher qualquer prato. A surpresa absoluta estava sob controle.

Após o choque do contato com o apelo do simulacro, ele recua e assume o sem risco da existência: configura-se como ser em recuo para a anti-calçada que é a Embaixada.

Era só acionar a máquina de ser, que tinha no meu corpo um intérprete. E mandar ver...Sempre dava certo...Sempre mesmo, pelo menos até aqui. Não havia razão de pane aguda agora, me levando de roldão. Não...Eu passaria a tarde na Embaixada pronto para seguir vivendo. Era preciso ficar lá até o fim da tarde. Era preciso assinar dois documentos internos, o que daria motivação, a alguns funcionários, de voltarem amanhã e encaminharem esses papéis para seus objetivos últimos, até precisarem de uma nova assinatura minha apontar outros documentos mais. Era preciso, era preciso, a vida se fazia de minuto a minuto. E eu queria mais. Um pouco mais que fosse. A máquina de ser tangia-me a subir os degraus da portaria da Embaixada. . Sentei à minha mesa . Peguei um lenço do bolso. E limpei meu suor”. (NOLL, 2006. p.122).

Só dois pontos diferem dos rituais repetitivos: a mão do garçom que roça a do personagem e o suor exalado como que a mostrar um corpo em movimento e vivo.

## **Conclusão**

Estes dois contos do livro *A máquina de ser* revelam de forma concentrada o estágio atual do processo narrativo de João Gilberto Noll em busca de configurar em ficção as resistências do pensamento em cristalizar-se identitariamente: pensar é peregrinar no deserto. Pensar é peregrinar no deserto, como afirma Lyotard:

Pensar é questionar tudo, compreendido nisso o próprio pensamento, a questão e o processo. Ora questionar requer que alguma coisa chegue e que a razão ainda não conheceu. Quando se pensa , aceita-se a ocorrência por aquilo que ela é: “não ainda” determinada. Não se prejudica nada, não se tem certeza de nada. Peregrina-se no deserto. Não se pode escrever sem carregar o testemunho deste abismo que é o tempo em sua vinda (LYOTARD,1988,85)

Neste penúltimo livro, Noll faz ajustes do desenho de sua pesquisa narrativa sobre a insubmissão. É o escritor que constrói cenas da insubmissão através de paradoxos e aporias. O conto *A máquina de ser* mostra, em última instância, um personagem enredado nos seus impasses, paralisado com o tempo em sua vinda, com a possibilidade da pane na máquina, com a ocorrência de algo que dissipa todas as estabilizações.

Uma questão pode ser levantada a respeito dessa insistência no modo de narrar através da desautomatização de procedimentos. Como se o movimento narrativo apenas consolidasse aquilo que no plano teórico foi considerado como o procedimento específico da arte literária frente à linguagem imersa nos automatismos lingüísticos e culturais. A doutrina dos formalistas russos era bem clara a respeito: o procedimento de desvio do padrão conferia ao processo de leitura uma alteração na percepção que resultava num ganho de visão para além do simples reconhecimento do já adquirido. A diferença é que os relatos de Noll neste *A máquina de ser* não confere nenhuma expansão de visão. O leitor está diante do impasse. Ele não volta para a sua antiga condição de percepção, mas também não ganha nenhum óculos suplementar. Ele está junto com sua angústia presente, com a tensão do instante, perante uma linguagem articulada mas esvaziada, carente de sentido.

O laboratório narratológico de Noll neste penúltimo livro refinou procedimentos que realizam a vizinhança recíproca entre pensar e criar, ambos finalmente encontrados na reciprocidade do transgredir pelo desenho da narrativa.

Na contemporaneidade, a filosofia de Heidegger a Derrida propôs este estreitamento contaminante entre *Dichtung* e *denken*, Heidegger sempre afirmando que esse encontro dar-se-ia numa tangente ao infinito. Por uma disposição mais radical encontrada nos pensadores contemporâneos como Derrida e Deleuze, podemos acompanhar na outra dimensão, a ficcional, como certos escritores desenham o seu projeto de peregrinar em direção a essa experiência com o tempo que é propriamente a matéria do narrar.

A narrativa de Noll avança na ponta à espera do tempo na sua vinda.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] CARVALHO, Luiz Fernando Medeiros de. *Cenas Derridianas*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.
- [2] HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e conferências*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- [3] LYOTARD, Jean-François. *L'Inhumain: causeries sur le temps*. Paris: Galilée, 1988.
- [4] NOLL, João Gilberto. *A máquina de ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- [5] SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: \_\_\_\_\_. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

---

## **Autor**

<sup>1</sup> **Luiz Fernando Medeiros de CARVALHO, Prof. Dr.**  
Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR)  
Mestrado em Letras  
luizf.medeiros@yahoo.com.br